

# Cultura do Projeto Luminotécnico

## Ou a falta dela

Por Eliana Zielonka

Em quase treze anos de trabalho no segmento de iluminação, percebo que o projeto luminotécnico ainda é visto como um "bicho de sete cabeças" por um grande número de profissionais.

Há pouco mais de uma década estávamos limitados ao uso das velhas e boas lâmpadas incandescentes, fluorescentes, vapor de sódio, vapor de mercúrio, néon e uma ou outra coisa a mais. Mas o avanço tecnológico neste campo foi grande e, de repente, passou-se a falar em dicróicas, halógenas, PAR, multivapores metálicos, fibra ótica e - pasmem! - LEDs!

"O que é isto?" "Como usar?" Estas são as perguntas mais comuns entre jovens arquitetos, engenheiros ou profissionais ávidos por dominarem a arte/ciência da iluminação. Entretanto, mais urgente do que responder a estas perguntas ou até mesmo antes que se conceitue um projeto luminotécnico, está a questão do "quando". QUANDO fazer um projeto luminotécnico? Em que etapa da obra? Em termos simplistas, uma construção se dá nas seguintes etapas:

- a) Contratação do arquiteto
- b) Elaboração do projeto arquitetônico
- c) Elaboração de um projeto estrutural
- d) Elaboração de um projeto hidráulico
- e) Elaboração de um projeto elétrico

Na maior parte das vezes, a etapa do projeto luminotécnico é inexistente. A iluminação passa a ter alguma importância após a conclusão da obra, junto ao trabalho de ambientação e decoração.

Julgam ser projeto, a colocação de luminárias em pontos preexistentes. Pontos estes deixados por profissionais aos quais nada foi dito sobre a necessidade e uso - *modus vivendi, operandi* - do usuário, do morador. Deparamo-nos com os indefectíveis dois pontos na sala de estar, um ponto na cozinha, alguns pontos - calculados pelo sistema ponto a ponto - quando é o caso de áreas consideradas técnicas e só.



Foto: David Sakai

Tem início aí a saga do "querer fazer o que não se pode". Rasga-se a laje? Aumenta-se o número de interruptores?

Coloca-se ou retira-se o gesso?

Na maioria das vezes a culpa recai sobre o engenheiro eletricitista, como se fosse ele o responsável por quantificar/qualificar a necessidade do cliente. Temos observado que eles tentam fazer milagres, esforçando-se para adivinhar

quem vai usar aquele espaço e como.

A hora certa de se iniciar um projeto luminotécnico é após a primeira etapa da elaboração do projeto arquitetônico. Em se tratando de residências, por exemplo, é importante que se faça uma espécie de anamnese, que se conheça as necessidades do cliente, faixa etária das pessoas que vão viver naquele espaço, como é a vida cotidiana e social deles... Isto requer uma personalização da iluminação.

Antes de conscientizarmos o consumidor final, entretanto, é preciso conscientizar os próprios profissionais que ainda não se deram conta da importância de um projeto luminotécnico, principalmente numa era na qual a redução de consumo é vital e se busca qualidade de vida, o que está diretamente ligado ao que chamamos de conforto ambiental.

Um bom arquiteto de iluminação deve saber que toda nova tecnologia é bem-vinda, mas que, como tudo na vida, há de se ter bom senso. É preciso saber "ler" uma luminária. Isto mesmo! Não é porque ela tradicionalmente era utilizada para um determinado fim, que não pode - e muitas vezes deva - ser utilizada para outros. ◀

*Eliana Zielonka é consultora em Iluminação, tem formação em Luminotecnia pela Universidade de Buenos Aires, em Lumière et Architecture pela Citée Universitaire na cidade de Lyon, curso de Luminotecnia residencial, clínica e comercial pela Universidade de Tucuman, além de ser diretora do escritório de projetos e loja Klee Iluminação, em Curitiba. lizielonka@terra.com.br*